

OS SIGNIFICADOS DE GÊNERO NO CURSO NORMAL EM ABAETETUBA: UMA ANÁLISE EM SALA DE AULA

Edileuza Sarges ALMEIDA

Keila Santos de SARGEN

Sidionei Oliveira PESSOA¹

Campus Universitário do Baixo Tocantins/UFPB

Resumo: Criado com o objetivo de aprofundar o debate sobre as relações de gênero e finalidade de estabelecer a relação teoria-prática, o projeto O CURRÍCULO DO CURSO NORMAL: A PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS DE GÊNERO desenvolveu-se nos anos de 2004 e início de 2005 com atenção às relações de gênero que se reproduzem na escola através de significados corporificados entre estudantes e professoras. O presente artigo busca socializar a toda comunidade acadêmica e à sociedade em geral o desdobrar dessa pesquisa, bem como uma breve análise do que foi colhido em campo, pois esse se constituiu em um espaço de revisão e aprimoramento do conhecimento adquirido em sala de aula.

Introdução

Há exatos onze meses, após inúmeros contatos com a literatura de gênero através do Grupo de Estudos de Gênero², na tentativa de um maior contato com a dimensão prática das relações de gênero-estudadas, surgiu a idéia de aproximarmos-nos do projeto de pesquisa coordenado pela Professora Joyce Ribeiro.

Em nosso País, quando se discute as relações de gênero, o que se percebe, de imediato, é uma aceitação tácita de que há uma essência

¹ Alunas do curso de Pedagogia/CUBT/UFPB e bolsistas da pesquisa "O currículo do curso Normal e a produção, distribuição e reprodução de significados de gênero" (PROINT/05).

² Esse Grupo de estudos foi formado em agosto 2004, sendo coordenado pela Prof^a. M. Sc. Joyce Ribeiro, com encontros semanais em que ocorrem propositivos debates sobre gênero e educação.

masculina e outra feminina, e o mais agravante é que há a crença que são fixas, ou seja, que adquirimos um aglomerado de conhecimentos das relações desiguais de gênero e as tornamos naturais, inquestionáveis.

Este artigo tem como objetivo primeiro a divulgação dos resultados parciais desse período de pesquisa, bem como sua análise das informações adquiridas em campo, a partir da literatura consultada. Primeiramente, buscamos situar o/a leitor/a no debate sobre gênero, para então partirmos para a análise das informações, com sucinta conclusão parcial para a pesquisa em andamento.

1. Sobre o ambiente da pesquisa

O projeto tem sua base na formação de uma equipe multidisciplinar, formada por três acadêmicas bolsistas do PROINT, que atuam na Escola Estadual Bernadino Pereira de Barros, especificamente nos turnos vespertino e noturno no curso Normal, que tem por objetivo preparar futuros professores e professoras para a docência de 1^ª a 4^ª séries do ensino fundamental. Como instrumento de informação, foram utilizadas a observação participante (Lüdke e André, 1986) no período de quatro meses em dias alternados em salas de aula, procurando detectar os significados de gênero dos/as professores/as em relação aos alunos/as. Essa escola recebe alunos/as de vários bairros da cidade, sendo que nas turmas do curso Normal constam, ao todo, 30 alunos do sexo masculino e 105 do feminino, com docentes licenciados em Matemática, Pedagogia, Letras, História, Física, Biologia e Química (tomando-se uma área rica em relações de gênero, nos possibilitou assim inúmeros dados que nos deram suporte para a realização do presente).

2. Gênero em questão

O lugar social das mulheres é determinado em oposição ao lugar social dos homens. Força, autoridade e virilidade foram estabelecidas como símbolos culturais dominantes em oposição à fragilidade, fraqueza, amabilidade, características consideradas tipicamente femininas. A partir desses binarismos, códigos sociais e legislações são criados, estabelecendo regimes políticos, formando sistemas de significados que, de modo não intencional, contribuíram para legitimar relações desiguais entre os gêneros. O que importa não é negar as diferenças dos cor-

pos, mas sim questionar as relações – incluindo as relações de poder¹⁰⁴ – construídas a partir de tal distinção. Assim,

é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (Louro, 1997, p.21).

Analisar a sociedade atual e não perceber as diversas relações de gênero que atingem os indivíduos é algo quase que impossível. Nesse contexto, a educação e as instituições apresentam-se como contribuintes da manutenção de valores diferenciados destinados aos homens e às mulheres. Dessa forma, o *lugar* da pesquisa foi propício para tal constatação, visto que atitudes mais corriqueiras puderam ser observadas e analisadas pela equipe.

A palavra gênero surgiu a partir da necessidade da criação de um termo que alcançasse significados além da determinação biológica presente nos termos “sexo” ou “diferença sexual” (Louro, 1997 e Scott, 1995). Em meio a um contexto de virada epistemológica, já que Scott dialoga com Foucault, gênero é concebido como categoria analítica tendo desdobramentos decisivos tanto para o campo teórico quanto para o prático, já que só a partir desta perspectiva é possível recolocar questões que reflitam e considerem gênero como envolvido em múltiplos e complexos processos. Assim, Scott (1995) constrói seu conceito de gênero como categoria analítica, a partir da reflexão não unicamente das origens e causas universais, mas dos processos, indagando como e por que determinados fenômenos ocorreram e/ou ocorrem. A partir de Scott (1995), gênero pode ser definido como elemento central das relações sócio-culturais que constroem as diferenças entre os sexos. É ainda uma forma primária de atribuir significado às relações de poder, e mesmo não se constituindo como o único campo de significação, legitima as diferenças de gênero nas mais variadas instituições, logo, as relações de gênero não podem ser compreendidas se descoladas do contexto social onde são produzidas.

¹⁰⁴ Foucault, em sua análise do poder, identifica-o em todo e de variadas formas. Para melhor esclarecimento dessa relação, queira ver *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (Louro, 1997, p. 38).

Scott (1995), ao se referir aos desdobramentos históricos do termo, ressalta que gênero não pode abarcar uma ou outra esfera, ou seja, não pode se referir apenas às mulheres, como recentemente se pensava, pois é uma maneira de se referir às origens sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres (Scott, 1995). Desse modo, ao tratarmos de subjetividade e identidade, precisamos entender que o papel dos significados é preponderante, e estes se encontram principalmente na linguagem, nos textos que são polissêmicos, por isso podem acolher múltiplas interpretações (Silva, 2000).

3. Análise dos dados

Durante o período de observação em sala de aula, a primeira atitude dos professores/as que nos chamou atenção diz respeito à linguagem, e esta tem propiciado questionamentos, por possuir múltiplas interpretações. Houve muitos casos em que as professoras dirigiam-se a si mesmas através de uma linguagem masculina – “nós, professores” – e, ao dirigir-se aos alunos e alunas, usavam somente a denotação de “alunos”. É a predominância masculina que reflete o ocultamento das mulheres através da linguagem, pois

segundo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, suponho que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças (Louro, 1997, p.65).

Isso nos leva a concluir que, ao usar a linguagem hegemônica, apenas reforçamos o que a sociedade já nos ensinou como padrão, pois, através das suas regras gramaticais, a linguagem é utilizada para se referir aos homens, sendo as mulheres invisibilizadas através da linguagem, e o que nos chama atenção é que essa prática passa despercebida, sendo considerada normal.

Continuando a observação, percebemos que para elevar os alunos diante da turma, os professores se dirigem mais a eles com o intuito de mostrar que eles são mais inteligentes e competentes, enfim os melhores, por responderem mais as questões corretamente do que as meninas. E quando as alunas afirmam que não entenderam determina-

do assunto explicado pelo professor A, este faz uso de expressões como "meu amor" para demonstrar mais intimidade, sensibilidade, pois caso contrário elas não conseguiriam entender.

Outro dado que consideramos de fundamental relevância para a pesquisa é o número desigual de alunas e alunos, ou seja, em todas as turmas observadas percebemos uma quantidade maior de alunas em relação ao número de alunos, havendo uma predominância feminina nas salas de aula. A esse respeito, Costa (1995) mergulha numa análise histórica para entender por que as outras profissões como Medicina e Direito não foram feminizadas, enquanto "o magistério foi um dos primeiros campos profissionais que se abriu para as mulheres sob o olhar aprovador da sociedade" (Costa, 1995, p.160). Buscando respostas a essa situação, compartilhamos da posição que justifica a feminização do magistério a partir do argumento de que, "como mulheres responsáveis pela educação de crianças, elas compartilham tarefas, modelos ideais de cuidado e maternagem, características e saberes culturalmente atribuídos a uma natureza feminina" (Carvalho e Vianca, 1994, p.138).

Através desse trecho, podemos perceber que há uma aproximação do magistério com a maternidade, já que compartilham supostamente algumas características como o cuidado, a amabilidade, o carinho, a atenção, especialmente na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Essa aproximação foi proposital, pois era preciso convencer as mulheres a assumir esses postos de trabalho, visto que os homens foram paulatinamente distanciando-se da docência em busca de profissões melhor remuneradas (Costa, 1995).

Outra das possíveis explicações para esse fato pode residir na idéia de que o homem deve trabalhar cada vez mais cedo para que possa ter uma boa condição financeira e sustentar a sua família, e, para que isso ocorra, a maioria deles abandona os estudos ou vai em busca de um curso técnico, que lhe ofereça uma oportunidade de emprego. Isso faz com que haja um número maior de mulheres nas escolas e por um tempo mais prolongado.

No interior da sala de aula, observamos uma outra situação: entre os alunos e alunas da turma era realizada uma coleta para a aquisição de "apostilas", e um jovem garoto foi surpreendido por uma menina dizendo: "tu não é homem? porque não tem dinheiro?"¹⁰⁵. Essa idéia de homem parece estar relacionada ao sucesso financeiro, pois a socie-

¹⁰⁵ Fato ocorrido no dia 06 de outubro de 2004, aula de inglês, turmas veespina.

dade possui valores que reforçam a masculinidade hegemônica, pois é o homem quem geralmente paga as contas, os passeios, os lanches, ele é o provedor. Então, para que homens, mesmo jovens, não fujam desse “padrão”, devem ir em busca de emprego, para serem bem vistos socialmente. Os que fogem a essa regra são rotulados como desocupados, sem responsabilidade.

Nesse sentido, percebemos também a questão de “moralidade”¹⁰⁶ relacionada aos homens, em que estes devem agir de maneira que sejam respeitados, e, quando isso não acontece, passam a ser “zoados”, por perderem a sua moral. Foi o que aconteceu em uma situação em que a moça desprezou o rapaz, colega de classe, que passou a ser motivo de brincadeiras para os seus colegas de turma – “Que tal! O cara não tem mais moral para a mulher dele!”¹⁰⁷. É como se a idéia de relacionamento entre os gêneros fosse unicamente de controle dos homens em relação à submissão das mulheres, não interessando o tipo de relação entre eles. Em outras palavras, significados como posse e controle por parte dos rapazes e anseio pelo provedor da parte das moças foram detectados nas relações de gênero na sala de aula, que parece constituir as relações entre moças e rapazes da turma.

Esses significados são produzidos e reproduzidos culturalmente, pois “na medida em que se preconiza uma mulher restrita à esfera do privado, dependente e sem autonomia, ao homem impõe-se o dever e a obrigação de comandar a família do ponto de vista social e econômico” (Trigo, 1994, p.96), o que contribui para a manutenção dos valores em que a mulher deve se restringir aos cuidados da família e do lar, e ao homem cabe ser provedor financeiro, sendo considerado por muitos como “o chefe da casa”¹⁰⁸, e, quando estes não conseguem manter essa representação, perdem o respeito social. Ficam desmoralizados.

Em relação à inteligência, os rapazes das turmas observadas sempre são recompensados por acertarem as questões, são elogiados e vistos como exemplos a ser seguidos. O grau de superioridade presente entre os alunos que se destacam no cotidiano da sala de aula também foi observado em campo, sendo considerados os mais inteligentes e com mais facilidades para aprender.

¹⁰⁶ A esse respeito queira ver *A Mulher Universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero*, de Maria Helena Trigo (1994, p.96).

¹⁰⁷ Fato ocorrido em 29 de setembro de 2004, turno vespertino.

¹⁰⁸ É importante salientarmos que outras denotações podem existir equiparadas a essa, como: dono, patrão, enfim o que manda.

Houve um momento em que a professora B realizava alguns comentários referindo-se a um aluno do ano anterior, que, sendo dedicado, inteligente e esforçado, rápido conseguiu o que almejava: um emprego. Logo, deve servir de bom exemplo para os demais. Assim, como em várias outras disciplinas, caso os homens se destaquem e respondam as questões corretamente, são exaltados pelas docentes que os consideram estudiosos e inteligentes, enquanto que, em relação às meninas, os elogios são mais restritos, os incentivos são tímidos, havendo, ainda, dúvidas quanto à veracidade das respostas às questões colocadas por professores e professoras. Em uma certa situação, a professora perguntou o horário do intervalo, e uma aluna⁶⁸, ao mesmo tempo, e um aluno deram como resposta horários diferentes. A professora demonstrou acreditar mais nele, sendo logo após surpreendida pelo sinal, confirmando que a garota estava correta, o que pode nos levar a pensar que os/as docentes por vezes apresentam mais confiança naquilo que os homens falam.

No seguinte trecho, fica claro as distinções produzidas e reproduzidas por professores e professoras em relação a alunos e alunas:

Sobre meninos que alcançam o nível superior de sua turma, comentavam que ele "uma trabalhadora muito, muito esforçada", sobre um menino que "mal sabia escrever seu nome", diziam que isso ocorria, "não por que ele não é inteligente" (...), mas por que não pode sentar-se quieto, não consegue se concentrar... muito perturbador... mas mãos brilhante (Louro, 1997, p.68).

Então, temos que, aos garotos, a inteligência pode ser considerada como "nata", e que só depende deles para que esta se expresse; já as meninas devem se esforçar ao máximo para a adquirirem e ter um mínimo de reconhecimento possível. Tudo para elas deverá vir com muito esforço e dedicação.

Além disso, percebemos nas aulas que havia uma tendência para a separação dos grupos de acordo com o gênero, em que rapazes e meninas ficavam agrupados entre si, o que resulta na formação de grupos homogêneos ou "fechados" de acordo com as suas características. E a interferência da docente C, nesse caso, foi nula, pois, considerando a separação como normal, preferiu deixar os grupos como estavam, pois

⁶⁸ Dia 29 de novembro de 2004, turno vespertino.

na perspectiva pedagógica de tal professora facilitaria o trabalho. Entretanto, ao não refletir acerca do *quanto* de gênero em sala de aula, o que há é o ocultamento de uma situação fabricada pela política de gênero hegemônica, contribuindo assim com a idéia de que cada gênero deve ficar no seu devido lugar. E foi no interior desses grupos que presenciávamos atitudes diretamente relacionadas aos gêneros, ou seja, através dessas divisões foi possível perceber características apropriadas tanto para os homens quanto para as mulheres, construindo um certo padrão masculino e feminino aceito socialmente. A esse respeito, é possível ressaltar que

a divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas"; como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, o ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas, em todo o mundo social, em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquema de percepção de pensamento e de ação (Bourdieu, 2003, p.17).

Outra característica presente na sala de aula como "típica" das mulheres é a idéia de que estas falam demais, fofocam, e os rapazes reclamam e dizem que elas não param de conversar um minuto sobre a vida dos outros, o que prejudicava, segundo eles, o trabalho que estava sendo realizado.

Já em relação aos rapazes, os significados mais constantes eram a expressão através de agressões físicas e verbais, o que demonstra que a força, a virilidade, o destemor, fazem parte das atitudes masculinas, ressaltando que, ao contrário das mulheres, eles não são muito afeitos ao diálogo, mas sim à ação, por isso precisam atingir diretamente o outro, dentro da disputa pela atenção do grupo. Apesar das manifestações de feminilidade e masculinidade hegemônicas no interior das salas de aula observadas, "diferentes masculinidades são produzidas num mesmo contexto social (...) as relações entre homens" são "relações de dominação, marginalização e cumplicidade" (Connell, 1995, p.189).

Nesse sentido, percebemos que para os professores há uma abertura maior nos relacionamentos com os/as alunos/as, o que com as professoras é algo mais restrito. Dessa maneira, podemos dizer que os professores não se prendem muito aos significados da profissão docente, como carinho, afeto, respeito, e se deixam levar muitas vezes pelos

significados que caracterizam a masculinidade hegemônica, como a virilidade e a sedução, através de assérvios às moças quando passam pelos corredores, postulando-as como meros objetos sexuais, o que nos leva a pensar que o respeito dos docentes para com as discentes é, por vezes, substituído pela satisfação das necessidades sexuais masculinas.

Costa (1995), a esse respeito, argumenta que à mulher, devido à tarefa de cuidar dos filhos, é cabível também se ocupar em gerir a formação dos cuidados de uma nação, ou seja, ocorre uma espécie de transferência de amor materno por amor à profissão. Devido a isso, temos que a mulher deva ter mais responsabilidade e uma espécie de "dom" para o cuidado com os alunos/as.

Em relação ao corpo, o professor A apresenta-se mais livre para exibi-lo, pois durante a observação presenciamos a ação de um docente que apresentava uma tatuagem e mostrava-a para as alunas, que aprovaram esse ato, pedindo que fosse realizado outras vezes. Esse é um comportamento permitido aos homens, pois o homem "pode" realizar certas ações no ambiente escolar, devido a essa relação mais aberta entre os docentes e os/as discentes.

Existe uma profunda ligação entre a imagem do corpo de um indivíduo e a de todos os outros. No trabalho da construção da imagem do corpo, há uma busca contínua do que poderia ser incorporado. Não somos menos curiosos acerca do nosso corpo do que somos em relação ao corpo alheio (...) desejamos conhecer nossa imagem corporal e que os demais a conheçam (Schälder, 2002, p.41).

Vale ressaltar ainda a relação dos homens com o esporte, em que o futebol apresenta-se como uma das paixões masculinas, pois o valorizam de maneira ímpar. Em uma situação observada no cotidiano da sala de aula, ocorreu o seguinte: a aula precisou acabar mais cedo, pois haveria um jogo de futebol em uma emissora de televisão e era comprovado o interesse do professor e dos alunos daquela turma por aquele programa esportivo, o que reforça a idéia de que o homem que não gosta de futebol é considerado no mínimo estranho. Sobre a relação do esporte com o gênero, é possível ressaltar que

para um garoto (mais do que para uma garota) tornar-se um adulto bem sucedido implica vencer, ser o melhor ou, pelo menos, ser "umito bom" em alguma área. O caminho mais óbvio,

para muito, é o esporte (no caso brasileiro o futebol), usualmente também agregado como o interesse masculino obrigatório. Para construir um corpo vitorioso no esporte, colocam-se em ações técnicas, exercícios, adestramentos, disputas, enfrentamento (Louro, 1999, p.23).

Isso explica a intensa relação dos homens com o esporte, nesse caso o futebol, pois a partir dele há uma preparação física que irá diferenciá-los das mulheres, além do que, por se tratar de um esporte competitivo, ajuda na consolidação de significados de que o homem deve sempre vencer, ser corajoso, ter garra, o que pode ser exercitado através de atuação nesse esporte, bem como em outras modalidades. Ainda por se tratar de um esporte com intensa atividade corporal, há muitos esbarrões entre os atletas, o que contribui para que se conclua que as mulheres não conseguiriam praticá-lo, devido pertencerem ao suposto sexo frágil, sem preparo físico, logo, devem possuir um cuidado maior com o seu corpo, sendo o futebol considerado um esporte de natureza masculina.

No entanto, quando observamos a postura das professoras, percebemos várias características que as diferem dos professores. Na escola, desde as suas vestimentas até os valores e exemplos que transmitem aos alunos e alunas, são fundamentais para que haja a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino, “educando” rapazes e moças para que ocupem, cada um, o seu devido lugar na cultura de gênero.

Assim, quanto à postura, percebemos uma preocupação das professoras nas atitudes mais corriqueiras, como o sentar, em que elas preocupavam-se em cruzar as pernas cuidadosamente sem se mostrar, sempre recatadas, para que o seu corpo não tomasse a direção da aula. Além disso, percebemos que, geralmente, elas falam baixo, de forma mais sensível e pausada, demonstrando tranquilidade e confiança naquilo que estão desempenhando. Essa postura resulta de um longo processo de fabricação de mentes e corpos, pois “o mundo social constrói o corpo como realidade sexualizada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante” (Bourdieu, 2003, p.18). É importante ressaltar que essas são funções que a sociedade cobra de mulheres professoras e de homens professores. Se elas não seguirem esse padrão, poderão ser alvo de críticas e questionamentos, pois, ao “classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, distingue e discrimina” (Louro, 1999, p.16), estabelecendo posições-de-sujeito adequadas a homens e mulheres.

Considerações parciais

O que conseguimos observar nesse primeiro ensaio de análise é que as relações de gênero apenas redimensionaram-se, ou seja, se o que antes se configurava numa explícita hierarquização e discriminação de gênero no ambiente escolar, hoje se observa de forma silenciosa, através da linguagem, das atitudes e dos comportamentos permeados de relações diversas. A linguagem, as atitudes e os comportamentos constroem e veiculam modelos imbuídos de poder, que reafirmam e confirmam o que seja o padrão ideal de masculinidade e feminilidade. Diante disso, esperamos que os/as professores/as percebam a dinâmica de construção dos gêneros que ocorre na escola e contribuam para a superação da diferença e da desigualdade entre os gêneros nos mais diferentes espaços da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kulvet. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CARVALHO, Marília Pinto de & VIANNA, Cláudia Pereira. Educadoras e mães de alunos: um (des)encontro. In: BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bêta (Org.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, n. 20, v. 2, jul./dez., 1995.
- COSTA, Mariza. *Trabalho Docente e Profissionalismo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1995.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magna Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- SILVA, T. T. a Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, Porto Alegre, V. 20, n° 2, jul/dez, 1995.

TRIGO, Maria Helena. *A mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero*. In: BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (Org.). *Novos olhares: Mulheres e Relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1994.